



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE MÚSICA
LICENCIATURA EM MÚSICA

LEANDRO FERREIRA DA SILVA

**AFINAÇÃO E DESAFINAÇÃO VOCAL NO TRABALHO COM O CORO
VOZES ANGELICAIS**

Recife
2021

LEANDRO FERREIRA DA SILVA

**AFINAÇÃO E DESAFINAÇÃO VOCAL NO TRABALHO COM O CORO
VOZES ANGELICAIS**

Monografia apresentada para a conclusão da Graduação em Música na Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Música. Centro de Artes e Comunicação.

Orientador: Prof. Dr. Wendell Macieira Kettle

Recife
2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Silva, Leandro Ferreira da.

Afinação e desafinação vocal no trabalho com o coro vozes angelicais /
Leandro Ferreira da Silva. - Recife, 2021.
32 p. : il., tab.

Orientador(a): Wendell Macieira Kettle
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Música - Licenciatura, 2021.

1. Desafinação vocal. 2. Afinação vocal. 3. Técnica vocal. 4. Canto coral. I.
Kettle, Wendell Macieira. (Orientação). II. Título.

780 CDD (22.ed.)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, o autor da minha vida, pelo que Ele é merecedor de toda honra, de toda a glória e de todo o louvor.

Segundo, agradeço pela minha família, minha mãe, meu pai e meus quatro irmãos que tem me apoiado, sabendo das minhas atividades na universidade para a minha formação.

Aos meus colegas de licenciatura em música da UFPE, pelo incentivo, pela ajuda de forma voluntária e involuntariamente para a elaboração do meu Trabalho de Conclusão de Curso, a exemplo, enviadas artigos para o grupo do *WhatsApp*. Isso que é união que faz a força!

Ao professor Wendell Kettle, por me receber como orientador do TCC, trazendo-me direções e orientações importantes não só para a elaboração do trabalho apresentado, mas também na minha formação acadêmica.

À professora Virgínia Cavalcanti que me recebeu desde início da disciplina de TCC 1 como orientadora no período inicial do meu trabalho de pesquisa, o que infelizmente não pode dar continuidade por muitas responsabilidades no departamento de música da UFPE como vice coordenadora, como professora em canto, e em situações de saúde.

Ao professor Savio Santoro que me ajudou na medida do possível, de início da coordenação de licenciatura em música, sobre as dificuldades encontradas na realização do Trabalho de Conclusão de Curso.

À turma de licenciatura que fiz parte, o 2017.1 (a turma Calabar), pois foram quatro anos em convivência, mesmo presencial como virtualmente, pelo que tenho boas lembranças de todos.

A todos do departamento de música: professores, funcionários e colegas. Foram anos de convivência e experiências que levarei para a minha formação acadêmica e profissional.

A todos, muito obrigado.

RESUMO

Este trabalho é resultado de uma pesquisa realizada com o coro “Vozes Angelicais”, da Igreja da Assembleia de Deus do Alto da Conceição em Olinda – PE, a respeito da afinação e/ou desafinação vocal dos coralistas. Consiste, primordialmente, no levantamento bibliográfico e na leitura sobre o tema da desafinação vocal em indivíduos, e como essa questão pode ser tratada na atividade de canto coral, visando não só à obtenção de uma melhor afinação vocal de cada coralista, mas também um melhor grau de afinação coletivo. O texto atenta para os principais motivos da desafinação vocal especificamente dos indivíduos que integram o coro que foi o objeto de estudo e traz, conforme a bibliografia lida e estudada, diretrizes para que, através da prática do canto coral, a questão da desafinação possa ser trabalhada, atenuada e aperfeiçoada, tanto individualmente quanto coletivamente.

Palavras-chave: Desafinação vocal; Afinação vocal; Técnica vocal; Canto coral.

LISTAS DE FIGURAS

Figura 3.1 - Exemplos de postura.....	22
Figura 3.2 - Exemplos de alongamento dos braços.....	23
Figura 3.3 - Respiração – repouso, inspiração e expiração	25
Figura 3.4 - Exercício expiratório com som consoante [s].....	26
Figura 3.5 - Exercício expiratório com fricativas surdas	26
Figura 3.6 - Exercício em escala maior	27
Figura 3.7 - Exercício de moldes e unificação das vogais.....	28
Figura 3.8 - Exercício – vocalizes com saltos de intervalos de terças maiores.....	28
Figura 3.9 - Exercício – desenvolvimento perceptivo.....	29

LISTA DE TABELAS

Tabela 1.1: Ferramentas que auxilia para a aprendizagem musical na atividade do canto coral	14
---	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1 – VOZES ANGÉLICAS: UMA EXPERIÊNCIA EM CANTO CORAL NA IGREJA	11
CAPÍTULO 2 – AS CAUSAS POSSÍVEIS DA DESAFINAÇÃO VOCAL EM INDIVÍDUOS.....	16
CAPÍTULO 3 – A TÉCNICA VOCAL E A MUSICALIZAÇÃO PARA A AFINAÇÃO VOCAL.....	21
CONCLUSÃO.....	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	31

INTRODUÇÃO

O canto é inerente a todo ser humano. Ele faz parte das manifestações mais primitivas, em se tratando de uma atividade tanto individual quanto coletiva (SILVA, 2014). Sobre o agrupamento de pessoas cantando, temos o que chamamos de canto coral. O canto coral, pode ser uma atividade profissional ou diletante – feita por não profissionais que amam a música e que veem no canto uma atividade que contribui para o enlevo estético da qualidade de vida e mesmo que possui funções de enlevo espiritual, no caso da música coral nas igrejas. Os grupos coletivos que praticam a música vocal são chamados de “coro” ou “coral”.

Em sua pesquisa, Silva (2014) aborda a origem e a definição das palavras “coro” e “coral”. Segundo ele, o termo “coro” (do original grego *choros*) se refere a um grupo de cantores que se apresentam cantando em diferentes vozes, distribuídas conforme as regras da harmonia musical enquanto disciplina. Quanto ao termo “coral”, trata-se de um vocábulo que se refere à atividade musical do canto no serviço religioso, tendo como referência as práticas que ocorriam nos séculos II e III, segundo a cultura cristã naquela época. Assim, ““coral” era o grupo que cantava junto ao altar, separadamente dos demais membros da comunidade” (SILVA, 2014, p. 65). No idioma português, e por conseguinte no Brasil, esses termos são tidos como sinônimos¹.

No coro ou coral de vozes mistas, as vozes, atualmente, recebem quatro classificações básicas formando diferentes naipes, essas classificações vocais são: soprano, contralto, tenor e baixo. Essas vozes cantam conjunta ou intercaladamente, segundo as leis da harmonia e da polifonia, o que diferencia, portanto, o coro (misto) de um grupo de cantores onde todos cantam uma mesma linha vocal, em uníssono, sem divisão de vozes. Essa estrutura – do canto em diferentes vozes – tem sua origem no século XV, no período do Renascimento, quando surgiu a polifonia nos coros. Mais adiante, a polifonia sacra consolidou a distribuição de quatro vozes mistas, sendo essa a formação atual do coro (SILVA, 2014).

Assim como nas demais atividades musicais – há os coros profissionais e amadores. Sendo o canto uma atividade primitiva e inerente a todo ser humano, é possível entender a grande quantidade de coros amadores como atividades complementares da qualidade de vida de muitos indivíduos. No Brasil, há uma grande quantidade de coros amadores nas mais diferentes instituições, agremiações, enfim, nos diversos

¹ A partir desse ponto do texto passaremos a nos referir aos termos coro e coral sem aspas.

conglomerados sociais como igrejas, clubes, empresas, escolas, projetos sociais e outros. Esses grupos amadores de canto coletivo – organizados muitas vezes por faixa etária² –, agregam indivíduos das mais diferentes procedências e níveis distintos de conhecimento musical. Diante disso, Castiglioni (2017) aborda e justifica a existência de coros formados por grupos distintos quanto aos aspectos culturais e sociais: “Ao permear todas as culturas, a música vocal coletiva é uma atividade de massa populacional, que pode ser considerada um símbolo de sociedade, na qual vários interesses particulares se fundem em um propósito único [...]” (CASTIGLIONI, 2017, p. 14).

Dentro do que chamamos de “coro amador”, se insere o coro “Vozes Angelicais”, que é o elemento de estudo de caso da presente pesquisa. Esse coro, que tem como regente esse pesquisador, realiza suas atividades diletantemente e é composto por membros da igreja Assembleia de Deus que se achegam à atividade do canto coletivo com o objetivo de promover o enlevo espiritual através da mensagem bíblica cantada à congregação.

É importante pontuar que nos coros amadores, e nos de igreja não seria diferente, sempre há muitas pessoas com bastante ímpeto e desejo de participar, todavia, a grande maioria, senão a totalidade delas, não possui conhecimento musical básico e muito menos prática de cantar em vozes diferentes, nos respectivos registros vocais (CASTIGLIONI, 2017). No decorrer dos ensaios, é comum perceber a estranheza, o desconforto e, por conseguinte, a inibição – principalmente de novos integrantes – à prática do canto coral em vozes divididas nos respectivos naipes. No coro “Vozes Angelicais” isso também acontece: sempre há um corista, não habituado ao canto coral em vozes divididas, que fica com certo receio de abrir a boca para cantar – talvez por se sentir incapaz pelo fato de não entender o canto em três ou quatro vozes distintas. O naipe do soprano é o que tem mais facilidade uma vez que, na maioria do repertório, é o naipe que fica com a melodia principal. Para os outros naipes, que ficam com a parte mais harmônica, percebe-se uma maior dificuldade por parte dos coristas no sentido de aprender e assimilar a linha do canto e, portanto, de acompanhar os ensaios.

À parte a questão da dificuldade de adaptação ao canto coral e da conseguinte inibição, este pesquisador tem percebido uma outra questão vocal que tem, de certa forma, comprometido o desempenho do coro e que foi a motivadora dessa pesquisa: a desafinação vocal. Tem sido possível perceber que alguns cantores, depois de mais à vontade e habituados, conseguem acompanhar os ensaios e aprender bem suas linhas

² Coros organizados por faixa etária: coro infantil, coro juvenil, coro adolescente e coro adulto, por exemplo.

vocais, mas outros, no entanto, não conseguem entoar as linhas vocais corretamente ou “afinadamente”.

Essas pessoas que cantam diferente da linha vocal proposta para sua voz são pessoas com dificuldade de afinação. Segundo Sobreira (2016), “[...] é comum que pessoas que não cantam adequadamente sejam consideradas desafinadas” (SOBREIRA, 2016, p. 130). Essa é uma questão que precisa ser tratada e considerada com todo cuidado para que esse indivíduo supere a questão e não abandone a atividade do canto, de modo que, ao se trabalhar a questão da afinação com ele, não haja prejuízos no que se refere à sua autoestima e nem prejuízos emocionais.

Em se tratando das definições dos termos “afinação” e “desafinação” – questão muito discutida e até polêmica –, é importante conhecer o que significam para que seja possível se obter um diagnóstico, o mais próximo possível, da realidade de cada indivíduo, no intuito de se compreender os fatores que possam estar contribuindo para uma situação de desafinação. A definição de “afinação”, segundo Sobreira (2002), está relacionada ao sistema temperado nos contextos tonais ou modais, sendo esse sistema modelo de afinação aceito e estabelecido dentro da nossa cultura ocidental. Sendo assim, em se tratando da atividade vocal, o termo “afinado” será utilizado para designar indivíduos que sejam capazes de reproduzir, vocalmente, as relações sonoras do sistema temperado, conforme os padrões de nossa cultura” (SOBREIRA, 2002, p. 20). Sobre a definição de “desafinação” (mesmo que tenham vários significados), incluindo a performance vocal, ela diz o seguinte:

[...] são definidas como desafinadas aquelas pessoas que, apesar de conviverem com os padrões musicais comuns à nossa cultura, não conseguem reproduzir vocalmente uma linha melódica, cometendo erros, entre os intervalos das notas, que a tornam diferente do modelo sugerido (SOBREIRA, 2002, p. 23).

Diante dessa questão, propõe-se a realização desta pesquisa, que contempla um estudo de caso, visando encontrar alternativas para se trabalhar a questão da afinação vocal nos cantores de coros não profissionais, tendo como unidade de aplicação o coro “Vozes Angelicais”, e cujo regente é esse pesquisador. Trata-se de um trabalho que visa encontrar subsídios teóricos e técnico-práticos para auxiliar os coristas com problemas de

afinação e, conseqüentemente, melhorar o trabalho de performance musical, como um todo, do grupo.

A pesquisa foi então organizada, textualmente, da seguinte maneira:

- No capítulo 1, tem-se o relato de experiência do coro “Vozes Angelicais”, como funciona atualmente, a formação dos componentes, as funções da direção, relatando o funcionamento atual nos ensaios e como os coralistas atuais podem ser agrupados quanto à afinação.
- No capítulo 2, foram apresentadas as possíveis causas da desafinação vocal, especificamente dos integrantes do coro “Vozes Angelicais”, conforme a experiência e a vivência do trabalho de anos com o grupo enquanto regente do mesmo. Assim, serão buscadas as possíveis causas de desafinação dos coristas com dificuldade em catar afinado.
- No capítulo 3, foram apresentadas alternativas e possibilidades de atividades voltadas à técnica vocal e à musicalização, visando o desenvolvimento da afinação vocal dos indivíduos, certamente que a consciência da teoria musical e do modo de entoação vocal contribuirá não só à afinação, mas também para uma melhora geral da performance musical do grupo em termos de vigor vocal, timbre, e interpretação do texto musical.

Sem dúvida, esse é um tema de grande importância ao desenvolvimento do canto coral diletante, uma vez que a música deve permear a vida de cada indivíduo, em prol da fruição estética e da qualidade de vida, sendo o canto em coletividade uma das mais simples dentre as atividades musicais que podem ser desenvolvidas na sociedade: basta juntar um grupo de pessoas e começar!

1. VOZES ANGELICAIS: UMA EXPERIÊNCIA EM CANTO CORAL NA IGREJA

O coro “Vozes Angelicais” é pertencente à Igreja da Assembleia de Deus do Alto da Conceição, município de Olinda-PE, que foi inaugurada em 2002. Atualmente, a

formação do coro é a seguinte: são 34 integrantes, divididos em 4 naipes – 12 sopranos, 15 contraltos, 5 tenores e 2 baixos.

O coro tem por objetivo proporcionar, através dos louvores de tema bíblico-litúrgico, o enlevo espiritual aos congregados. O repertório utilizado provém dos hinários evangélicos “Harpa Cristã”, “Cantor Cristão”, “Hinário do Culto Cristão”, “Coro Sacro”, dentre outros. Tendo em vista esse repertório, pode-se afirmar que o coro possui um nível musical básico-intermediário, pois mesmo com toda dificuldade devido à falta de conhecimento musical de parte dos integrantes, tem sido possível se cantar em estrutura o coro tem cantado *a cappella* – sem o acompanhamento de instrumento(s) musical(is). Mais recentemente, alguns hinos têm sido ensaiados e apresentados com o acompanhamento de teclado.

Em 2015 este pesquisador foi convidado pelo então líder da igreja, o saudoso presbítero José Gomes Nogueira (*in memória*), para assumir a função de regente do coro “Vozes Angelicais”. Ele tinha conhecimento de que já havíamos atuado como auxiliar – tecladista e reforço do naipe dos baixos – do então regente que acabara de deixar o cargo, e que estudava música numa instituição de ensino musical no Recife. Na época, não foi possível continuar esse trabalho de “auxiliar” por muito tempo pois estava engajado num outro grupo de louvor da igreja, o “Conjunto Musical”, responsável por dirigir o louvor congregacional, com repertório de músicas cristãs contemporâneas, cantadas em uníssono, e com o acompanhamento de instrumentos eletrônicos, engajamento esse mantido até hoje. Uma vez que o então regente do “Vozes Angelicais” não poderia continuar o trabalho por motivos de saúde, o convite do líder da igreja foi por nós aceito, em prol da continuidade das atividades do coro junto às atividades litúrgicas que vinha desempenhando na igreja.

Logo no início das atividades, este agora regente, procurou se inteirar das funções diretivas e das respectivas pessoas que ocupavam essas funções no coro: o/a diretor(a) e o/a secretário(a). A primeira, cuida da agenda geral de compromissos – as participações do coro tanto na igreja matriz quanto em outras igrejas ou locais aos quais o coro é convidado a se apresentar – organiza atividades sociais de confraternização e festividades, verifica a questão da vestimenta para cada ocasião e atua como incentivador(a) à assiduidade e ao comparecimento nos compromissos do grupo. A segunda função – o secretariado – controla a assiduidade dos coristas e auxilia a diretoria na organização das atividades gerais do grupo. Foi possível perceber que as pessoas que ocupavam esses cargos quando assumimos a direção musical do grupo, não possuíam formação musical e

não poderiam, portanto, auxiliar outros coralistas no processo de leitura de partitura ou mesmo no ensinamento das vozes dos respectivos naipes.

Em relação aos coralistas, pudemos perceber que a maioria deles havia recebido educação formal (ensino básico e de nível médio), porém alguns não eram alfabetizados. No que se refere ao conhecimento musical, verificou-se que apenas um componente havia estudado, por algum tempo, numa escola de música; tratava-se, portanto, de um grupo musicalmente leigo.

Esse quadro se mantém até hoje, e é importante observar que, apesar da falta de formação musical, a possibilidade de integrar um grupo coral e de participar de uma atividade musical tem atraído essas pessoas, algumas das quais têm integrado o coro desde a época de quando assumimos como regente. Para eles, cantar no coro é uma oportunidade de interação interpessoal e de poder desenvolver essa interação coletivamente através da música, contribuindo para o enlevo espiritual congregacional na igreja. É também uma oportunidade de obter, inda que minimamente, um pouco de conhecimento musical com a prática das estruturas melódico-harmônicas presentes no repertório base do coro. Sendo assim, o coro “Vozes Angelicais” é um agente de inclusão social, que atua na igreja, oportunizando aos seus membros uma vivência musical ímpar através do canto coral. Nesse sentido, Fucci Amato (2007) explica:

O canto coral se constitui em uma relevante manifestação educacional musical e em uma significativa ferramenta de integração social. Os trabalhos com grupos vocais nas mais diversas comunidades, empresas, instituições e centros comunitários pode, por meio de uma prática vocal bem conduzida e orientada, realizar a integração (entendida como uma questão de atitude, na igualdade e na transmissão de conhecimentos novos para todas as pessoas, independente da origem social, faixa etária ou grau de instrução, envolvendo-as no fazer o “novo”) entre os mais diversos profissionais, pertencentes a diversas classes socioeconômicas e culturais, em uma construção de conhecimento de si (da sua voz, de cada um, do seu aparelho fonador) e da realização da produção vocal em conjunto, culminando no prazer estético e na alegria de cada execução com qualidade e reconhecimento mútuos (enquanto fazedores de arte e apreciados por tal, por exemplo, em apresentações públicas) (FUCCI AMATO, 2007, p.77).

No que se refere à rotina de atividades do coro, há os ensaios que ocorrem às segundas-feiras, 19 horas; as apresentações na igreja nos cultos aos domingos, à noite e eventuais convites para apresentações em outras igrejas ou eventos de cunho religioso.

Quanto aos ensaios, a sistemática de preparação do coro é a seguinte: são trabalhados dois ou três hinos por ensaio. As vozes são ensinadas naipes por naipes, a começar pelos sopranos por ser a voz que contém a melodia. Em seguida, vêm os contraltos e a junção deles com os sopranos para se verificar se essas vozes foram, de fato aprendidas. A seguir, são ensinadas as vozes dos naipes dos tenores e baixos e a junção entre elas. Finalizando, o hino é cantado com todas as vozes e, a partir de então, se verificam os ajustes vocais-musicais que sejam necessários.

Todas as vozes são ensinadas sem o uso, ou suporte, de instrumento musical, uma vez que este regente considera possuir ouvido absoluto. Desse modo, ele canta *a capella* cada uma das linhas vocais no processo de preparação do coro. A repetição é utilizada para sanar erros e inseguranças que possam surgir no decorrer do ensaio.

Diante desse convívio com os coralistas, no sentido de dirigi-los na atividade do canto coral, Fucci Amato (2007) ressalta a importância da função de educação musical dos ensaios, promovendo o desenvolvimento consciente da música vocal por meio dos conceitos históricos, sociais e técnicos. Na tabela abaixo, Fucci Amato (2007, p. 83-84) mostra ferramentas que auxiliam o regente no processo de educação musical, e na aprendizagem por parte dos coralistas, através do canto coral.

Tabela 1.1: Ferramentas que auxiliam na aprendizagem musical através da atividade do canto coral.

Ferramenta	Objetivos
Inteligência vocal	Informar noções de fisiologia e higiene para a conservação da saúde vocal. Praticar exercícios de propriocepção muscular.
Consciência respiratória	Informar conhecimentos específicos sobre o aparelho respiratório e sobre as manobras de estratégia respiratória para a produção vocal cantada, desenvolvendo exercícios práticos.
Consciência auditiva	Estudar e praticar técnicas de afinação, consciência tonal, equilíbrio/ unidade e consciência rítmica.

Prática de interpretação	Corrigir os problemas vocais (passagens difíceis da partitura) e entender os estilos e períodos musicais.
Produção vocal em variadas formações	Desenvolver a propriocepção e aperfeiçoar-se, produzindo determinados repertórios em quartetos, sextetos, octetos e outras formações vocais.
Recursos audiovisuais	Conhecer repertório por meio da audição de peças e estilos variados. Comparar e discutir a música coral a partir da análise da interpretação de grupos corais com semelhanças e dessemelhanças. Avaliar o trabalho desenvolvido (projeção de ensaios e apresentações do próprio coro).
Apresentação de pesquisas e debates	Gerar interesse pela atividade coral e desenvolver o senso crítico do coralista em relação a conceitos musicais.

Fonte: FUCCI AMATO, 2007.

A atuação do regente em orientar o coro, em instruir de como fazer, de corrigi-los a cantar melhor, faz parte da característica pedagógica do ensino musical para os integrantes, incluindo pessoas que não frequentaram uma escola de música, na especialidade do canto coral. Esse ensino abre o leque de saberes, sendo o regente, pessoa responsável no desenvolvimento com os coralistas das abordagens importantes para o desempenho do coro em suas apresentações. Nas abordagens estão a postura, a respiração própria para o canto, articulação, afinação, estética vocal entre outros pontos (CASTIGLIONI, 2017). Portanto, é fundamental a atuação do regente como educador musical, incluindo aí a questão da afinação vocal dos coralistas.

Nesses atividade como regente, e com a constante rotatividade de pessoas no coro, foi possível perceber coralistas afinados e desafinados, além do fato de que quanto mais coralistas desafinados, mais o resultado final do trabalho musical do coro ficava comprometido. Assim, surgiu algumas questões: quais seriam as causas de alguns coralistas não conseguirem cantar a linha vocal ensinada? Quais os métodos a serem abordados e praticados vocalmente afim de que os integrantes desafinados pudessem cantar afinados? Com isso, este pesquisador passou a uma pesquisa bibliográfica suscinta,

mas que busca ser eficaz, sobre os temas “musicalização” e “técnica vocal para coros”, afim de trabalhar a questão da afinação no coro “Vozes Angelicais”.

2. AS CAUSAS POSSÍVEIS DA DESAFINAÇÃO VOCAL EM INDIVÍDUOS

Canta afinado é o objetivo do trabalho musical desenvolvido com todo e qualquer coral, seja com o acompanhamento de instrumentos ou *a cappella*. Para se obter esse resultado, é preciso uma rotina adequada de ensaios – tanto em termos de periodicidade semanal quanto no que concerne ao número de horas de cada ensaio.

No trabalho com o coro “Vozes Angelicais” não é diferente: esse regente busca sempre o melhor resultado em termos de afinação, tanto individual quanto coletiva (entre as vozes dos diferentes naipes), sobre isso Zander afirma que “O grande problema e preocupação constante para quem trabalha com coros *a cappella* é a desafinação entre as vozes” (2003, p. 213). Hauck-Silva (2012), em relato de sua vivência, afirma que ao se trabalhar com coros comunitários, uma das preocupações dos regentes é a afinação coletiva do grupo, principalmente quando os integrantes não têm a prática do canto coral nem conhecimento musical algum; é uma tarefa desafiadora. Desse modo, ao longo do tempo de vivência desse regente junto ao “Vozes Angelicais”, ele sempre tem encontrado coralistas com problemas de afinação.

Tendo em vista os casos de desafinação identificados no coro, e o modo como a desafinação vocal de indivíduos interfere e compromete a afinação coletiva, surgiram, durante esse tempo, algumas questões: (1) o que causa a desafinação vocal num indivíduo? (2) O que pode ser trabalhado – coletivamente nos ensaios, ou mesmo individualmente – para uma busca pela afinação do coralista, em detrimento de sua desafinação? Essas questões ensejaram esse trabalho de pesquisa para que esse regente pudesse, ao menos inicialmente, utilizá-lo como pretexto para o conhecimento e a leitura de uma bibliografia que pudesse potencializar o método de ensaio em prol da afinação individual e, por conseguinte, coletiva dos membros do “Vozes Angelicais”.

Os kits de ensaio

Conforme a sistemática dos ensaios, já explanada anteriormente, o regente ensina cada uma das vozes, cantando ele mesmo a linha vocal de cada um dos naipes (inclusive em *falsete* para as vozes do soprano e contralto), com repetições visando à memorização por parte dos coralistas.

Para auxiliar no aprendizado da linha vocal, e consequentemente na afinação, foi criado o sistema de kits de ensaio que funciona da seguinte maneira: inicialmente, cada voz é gravada individualmente, com o acompanhamento do teclado, se for o caso; posteriormente, faz-se a gravação das quatro vozes cantando juntas. Essas gravações – da voz individual e em quatro vozes – são então enviadas aos coristas pelo aplicativo *WhatsApp* ou são distribuídas em suporte de CD para que eles possam ouvir e cantar junto com o áudio. Esse sistema melhorou a afinação do grupo, mas em parte, uma vez que, alguns coristas com problema de afinação não possuíam/possuem aparelho celular ou onde reproduzir o CD.

Figueiredo (2011) relata uma situação semelhante à que se tem no “Vozes Angelicais”, ao observar a uma grande dificuldade dos coros em cantarem afinados e *a cappella*, principalmente os coros amadores, onde os membros não leem partitura. O autor relata que o regente repetia muitas vezes as linhas melódicas de cada naipe como forma de prover a memorização das respectivas vozes aos coristas. Além disso, se gravavam as vozes, com o piano, para que os coristas pudessem ouvir suas linhas melódicas repetidas vezes em casa, para potencializar ainda mais a memorização, agilizando o processo de junção das vozes nos ensaios. É o mesmo que é praticado no “Vozes Angelicais”! Mesmo com esse processo, e o fato dos *kits* de ensaio, não atingirem a todos os coristas, esse regente começou a indagar como proceder para sanar as questões sobre afinação/desafinação vocal que persistem no coro.

Buscou-se então um suporte teórico-prático, para, primeiramente, se entender as causas da desafinação vocal em indivíduos, e, posteriormente, se verificar o que pode ser feito e trabalhado junto ao coro, e seus membros individualmente, para amenizar, melhorar ou até mesmo resolver essa desafinação. Para isso, foi feito um levantamento bibliográfico sobre o assunto.

Segundo Zander: “O cantor tem o instrumento mais natural de todos, mas ao mesmo tempo, um instrumento complicado e difícil de dominar: a sua própria voz” (ZANDER. 2003, p. 198). Conforme as leituras realizadas, a emissão vocal está intimamente ligada a três aspectos: a capacidade de autoescuta, às possibilidades físicas de emissão do som – a técnica vocal e ao fator psicológico do indivíduo. A seguir, algumas considerações sobre esses aspectos e como a falta deles contribui como causas possíveis da desafinação vocal.

A incapacidade da autoescuta

Zander (2003) afirma que entre as causas que podem contribuir para a desafinação vocal do indivíduo é a falta do que ele chama de “ouvido musical”.

A ausência do “ouvido musical” ou a incapacidade de se ouvir durante o ato de cantar pode estar associada à falta de vivência musical desde a infância. A prática e a vivência musical desde a tenra idade, atuam, ao longo do tempo, na memória do indivíduo como fator referencial e estimulante do sistema auditivo fazendo do ato de cantar e de se ouvir, ao mesmo tempo, algo natural e inerente ao ser humano. Sobreira (2002) afirma a respeito da percepção musical desenvolvida na infância como fator positivo à autoescuta:

Desse modo, pode-se concluir que para perceber um evento musical é necessário que ele seja relacionado a eventos musicais passados; tais considerações nos fazem deduzir que a memória musical de uma criança será mais desenvolvida se ela conviver, desde cedo, em ambientes que sejam musicalmente estimulantes (SOBREIRA, 2002, p.44).

Com o não desenvolvimento da autoescuta, o indivíduo é incapaz de reproduzir vocalmente uma melodia pois não tem referência de afinação no ouvido interno. Assim, ele emite um som com entonação completamente diferente, supondo que está reproduzindo o som externo solicitado (nota ou linha melódica).

Esse tipo de emissão tem sido percebido por esse regente em diversos coralistas durante o tempo de trabalho com o coro “Vozes Angelicais”. Esses indivíduos emitem uma linha melódica como que “estática”, praticamente numa nota só, a qual se contrapõe completamente ao perfil melódico solicitado. Ao se prescrutar sobre a vivência musical desses indivíduos, percebe-se que não tiveram a oportunidade de uma vivência musical na infância, e nem em tempos mais recentes. Eles veem no coro da igreja, finalmente, uma oportunidade para cantar e vivenciar uma prática musical que nunca antes tiveram.

A diferença quanto à facilidade no aprendizado das linhas melódicas por parte dos coralistas que tiveram alguma vivência musical anterior, é enorme, justamente por que esses repetem natural e mesmo intuitivamente a melodia que lhes é ensinada. Muitos deles puderam conviver com a música em casa – uma vez que possuem/possuíram músicos na família –, outros tiveram atividades de canto coral na infância – participaram do coro

infato-juvenil na escola ou na igreja –, ou tiveram a oportunidade de estudar música. Isso lhes proporcionou um ouvido mais musical, isto é, mais perceptivo em relação à música.

Assim, pode-se concluir que a incapacidade da autoescuta ou do não desenvolvimento do “ouvido musical”, devido à falta de vivência e prática musical ao longo da vida, é um fator causador da desafinação vocal em indivíduos.

A deficiência na técnica vocal

Uma outra causa da desafinação vocal em indivíduos é a fadiga vocal. Muitas vezes o corista tem a noção correta da linha vocal a ser cantada, mas por falta de uma técnica vocal adequada, e mesmo devido ao envelhecimento do aparelho fonador, a tessitura vocal pode diminuir, com perdas, principalmente, das notas mais agudas. Desse modo, por mais que se tente, não se alcança mais determinadas notas, subtonando-as no processo do canto, comprometendo assim a afinação.

Hauck-Silva (2012), afirma a importância da técnica vocal em relação aos problemas da entonação (a desafinação vocal):

[...] isso pode acontecer porque a real percepção daquilo que é grave ou agudo associa-se também à técnica vocal e à memória física e muscular, envolvendo a concentração para ouvir a nota de referência, a audição interna e o ouvido musical; e considerando que a pessoa não tenha nenhuma disfunção vocal ou cognitiva, a desafinação pode estar associada à ausência de técnica vocal. (HAUCK-SILVA, 2012, p. 85)

Os principais fatores que causam a desafinação vocal, no que concerne à questão da técnica vocal, em coros amadores, são apontados por Hauck-Silva (2012) em sua dissertação de mestrado. Esse é um estudo de grande utilidade à presente pesquisa, uma vez que o objeto de estudo aqui é também um coro amador. Os fatores são:

- a posição inadequada da laringe: a laringe deve estar sempre relaxada e bem posicionada pois, caso seja acionada numa posição elevada, devido à tensão, a afinação do que estiver sendo cantado ficará alta, isto é, supertonada; do mesmo modo, a afinação baixa, ou subtonada, é resultante da laringe baixa, sem a devida tensão e a energia necessárias ao canto.

- a postura corporal desajustada: o excesso de tensão muscular, principalmente na região do pescoço, tensão da mandíbula, ombros curvados, coluna arqueada, braços e antebraços não relaxados, tudo isso compõe uma postura corporal inadequada ao canto e prejudicial à projeção vocal. Nesse caso, o apoio diafragmático e a respiração estarão comprometidos e, conseqüentemente, os elementos musicais no canto emitido – timbre, dinâmica e afinação – estarão prejudicados. (HAUCK-SILVA, 2012).

Tanto a posição equivocada da laringe, quanto a postura corporal desajustada provocam um esforço extra à emissão vocal cantada, causando desgastes ao corpo e, em especial, ao aparelho fonador. Assim, a técnica vocal deve ser uma constante nos trabalhos com o coro, pois sem ela não há como obter resultados satisfatórios em relação à afinação tanto individual quanto coletiva do grupo.

Bloqueios devido a fatores psicológicos

Um outro fator que pode contribuir para a desafinação vocal é a situação psicológica do indivíduo, quando ele possui algum bloqueio especificamente para cantar, devido a algum episódio traumático que tenha vivido anteriormente, ou mesmo pela insegurança de se estar fazendo algo pela primeira vez!

Segundo Sobreira (2002), o bloqueio psicológico pode se manifestar através da timidez. Quando isso ocorre o indivíduo mal abre para boca para cantar – o som emitido é o mínimo possível – quase inaudível – e os lábios mal se movem balbuciando o texto. A pessoa, de fato, não se sente à vontade para se expressar cantando coletivamente. Ela precisará se sentir aceita e acolhida para que a timidez diminua gradativamente.

Se o indivíduo estiver passando por problemas emocionais que gerem angústia, sua expressão corporal, além da timidez ao cantar, também poderá indicar tal situação - ombros caídos, cabeça cabisbaixa, dificuldade de manter o olhar direcionado ao regente; é uma situação que impede a liberação das emoções e, conseqüentemente, prejudica todo o ato de cantar.

Pessoas que tenham sido julgadas no passado como desafinadas, vão ter mais dificuldade em retomar uma atividade no canto e afinadamente. Algumas podem carregar esse trauma e ter desenvolvido uma baixa estima, certamente precisarão de uma atenção especial para poderem cantar novamente sem bloqueios e de forma afinada (SOBREIRA, 2002).

Considerando os três aspectos abordados acima como possíveis causas contributivas à desafinação vocal, e considerando a realidade encontrada no trabalho musical com o coro “Vozes Angelicais”, serão abordados a seguir alguns procedimentos que podem ser acoplados à rotina de ensaios do grupo, visando minimizar a desafinação vocal individual, de modo que isso se reflita numa melhor afinação coletiva.

3. A TÉCNICA VOCAL E A MUSICALIZAÇÃO PARA A AFINAÇÃO VOCAL

Para a boa afinação é preciso que o coralista desenvolva uma postura físico-corporal correta, a respiração adequada para a emissão vocal e tenha uma prática periódica de exercícios vocais – os vocalizes – a fim de manter sua técnica vocal em dia. Desse modo, este pesquisador procurou desenvolver atividades e exercícios de treinamento em cada um desses tópicos – postura, respiração e vocalizes – nos ensaios do coro “Vozes Angelicais”, visando o aperfeiçoamento da afinação individual e coletiva.

Esses três tópicos supracitados foram aplicados no momento inicial de cada ensaio o qual foi denominado de momento de preparação e aquecimento corporal e vocal. É, portanto, de suma importância que esse preparo corporal-vocal esteja sempre presente nos ensaios pois ele faz parte do processo de educação musical – para o canto – de cada coralista, sendo um processo contínuo de desenvolvimento e não um fim em si mesmo: “[...] a preparação vocal tem como foco o processo de ensino-aprendizagem e não somente o resultado final para uma apresentação próxima [...]” (HAUCK-SILVA, 2012, p. 95). Desse modo, para a composição do conteúdo do momento de preparação e aquecimento corporal e vocal nos ensaios do “Vozes angelicais”, foram considerados dados, experiências, orientações e procedimentos obtidos pela pesquisa bibliográfica junto a autores como: Coelho (1994), Hauck-Silva (2012), Pedroso Junior (2018), Santos (2017) e Sobreira (2002).

A postura corporal

O corpo é o instrumento musical através do qual se produz o som vocal. Para isso, é necessário que o indivíduo tenha uma postura corporal correta a fim de que toda a “engrenagem” interna responsável pela produção da voz, possa funcionar de modo pleno e eficaz. Uma postura corporal incorreta, pode provocar o apoio para a emissão vocal em partes impróprias do corpo, acarretando tensões musculares que prejudicarão, inclusive, o aparelho fonador (Hauck-Silva, 2012).

Certamente que no coro que este pesquisador utilizou como unidade de aplicação prática de pesquisa, há coralistas que tencionam partes do corpo, não só por uma postura incorreta, mas também por questões emocionais, no momento da prática do canto coral. Desse modo, Santos (2017) destaca a importância dos preparativos para a produção vocal, incluindo o aquecimento corporal: “Aspectos imprescindíveis para uma boa produção vocal: boa postura corporal de uma forma geral e questões emocionais devidamente controladas (ansiedade, insegurança, medo de se expor). Para tal, é imprescindível que a pessoa se sinta confortável, relaxada e segura” (SANTOS, 2017, p. 12). Segundo ele, é fundamental praticar exercícios de relaxamento, incluindo a região cervical e do pescoço, para evitar tensões. A respeito da postura adequada para o canto, Santos (2017) ilustra os quatro primeiros exemplos de posturas as quais devem ser evitadas, e o último exemplo como uma boa postura para o funcionamento do corpo antes, durante e depois da atividade do canto.

Figura 3.1: Exemplos de posturas corporais



Fonte: <http://bonecadeporcelanablog.blogspot.com.br/2013/01/elimine-8-habitos-que-prejudicam-sua.html>, baseado em SANTOS, 2017.

Assim, para se buscar uma boa postura corporal a mais adequada possível ao canto, este pesquisador passou a trabalhar com os coralistas, no momento de preparação e aquecimento corporal-vocal, uma série de alongamentos, referenciados pela bibliografia estudada, os quais são descritos a seguir, evitando-se exercícios que exigissem grande esforço físico, tendo em vista poupar os coralistas com faixa etária pertencente à terceira idade, como também àqueles com problemas ligados à coluna vertebral.

Os alongamentos são iniciados com todos os coralistas de pé.

Alongamento do tronco: Inicialmente, as mãos deverão ser unidas, levantando-se os braços esticados, acima da cabeça, em seguida o corpo deve ser inclinado para os lados, para cima e para baixo, para frente e para trás. É importante que o tronco esteja bem alinhado com os quadris e causar qualquer tensão.

Alongamento dos ombros: ainda de pé, a musculatura da região dos ombros será alongada movimentando-se os ombros para cima, para baixo, para frente, para trás e depois através do exercício de rotação dos ombros tanto no sentido horário quanto anti-horário.

Alongamento dos braços: inicialmente segurar um dos braços um pouco acima do cotovelo e puxá-lo contra o tronco, contar até 20, fazer uma pausa soltando o braço e realizar o exercício novamente, alternando com o outro braço (figura 3.2 – 1). Em seguida, colocar uma mão na nuca e com a mão contrária, apoiada no cotovelo, empurrar o braço para baixo. Contar até 20, fazer uma pausa soltando o braço e realizar o exercício novamente alternando entre os braços (figura 3.2 – 2).

Figura 3.2: Exemplos de alongamento dos braços



Fonte: <https://institutoagf.org.br/exercicios> baseado em SANTOS, 2017.

Para relaxar, gira-se o tronco de um lado para o outro, com os braços completamente soltos, balançando-os como pêndulos.

Alongamento do pescoço: inclina-se a cabeça ora para a direita, ora para a esquerda. Em ambos os casos, a mão correspondente deve auxiliar o alongamento: inclina-se a cabeça para a direita com o auxílio da mão direita e para esquerda com o auxílio da mão esquerda, evitando esforço desnecessário; a cabeça também deve ser

inclinada para frente e para trás – ao se inclinar a cabeça para frente, pode-se colocar as duas mãos, com os dedos cruzados, repousando levemente sobre a cabeça, ao se inclinar a cabeça para trás, a boca de ficar entreaberta para não causar tensão na região da laringe (COELHO, 1994; HAUCK-SILVA, 2012; PEDROSO JUNIOR, 2018). Entre cada exercício deve haver um período de 15 a 20 segundos.

Ao se cantar de pé, é preciso que os pés estejam completamente apoiados no chão e a uma distância, entre si, onde fiquem na mesma direção vertical dos ombros, tronco ereto, braços relaxados, pescoço e ombros sem tensões. Ao se cantar sentado – nos ensaios, por exemplo – o cuidado especial deve ser com a coluna que deve estar ereta! Para isso, deve se evitar utilizar o encosto do assento com os pés bem apoiados no chão (PEDROSO JUNIOR, 2018).

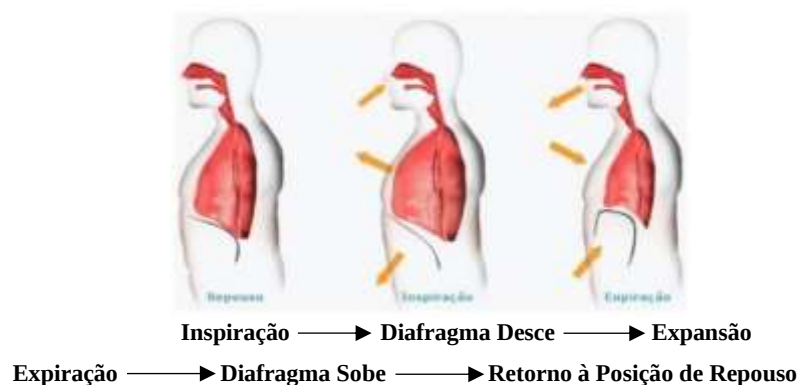
Assim sendo, tem-se que a postura correta, o equilíbrio físico corporal, é essencial à atividade do canto. A boa postura, com o corpo bem apoiado e relaxado, sem qualquer tensão desnecessária, vai propiciar ao coralista a possibilidade de uma boa respiração e, por conseguinte, de um bom desempenho na atividade do canto, obtendo o melhor rendimento com o mínimo desgaste (Coelho, 1994).

A respiração

Segundo Hauck-Silva (2012, p. 100), “Aprender a controlar o ciclo respiratório é essencial para uma produção vocal saudável e eficiente para o canto coral [...]”. Esse controle respiratório é um desafio a ser encarado para todos os coralistas com o objetivo de ganho em sua qualidade de vida. É importante que a postura, a respiração e o apoio estejam ligados para a produção vocal praticados na técnica vocal. Sobre o assunto, Coelho (1994) aborda o funcionamento vital do ser humano ligado à respiração: “Na conceituação fisiológica, a respiração é um fenômeno vital espontâneo de caráter ativo-passivo realizado automaticamente pelo movimento do diafragma e dos músculos intercostais, respectivamente, movimento cuja origem está no cérebro” (COELHO, 1994, p. 35).

Em seu processo, inicialmente vem a inspiração, quando o corpo puxa o ar para dentro, enchendo os pulmões, e o diafragma desce, havendo expansão abdominal e intercostal; em seguida vem a expiração, quando há a expulsão do ar acumulado nos pulmões, num movimento em que o diafragma sobe, voltando à posição de repouso (COELHO, 1994; SANTOS, 2017).

Figura 3.3: Respiração – repouso, inspiração e expiração



Fonte: <http://www.ncsdoBrasil.com/img/respiracao.jpg> , baseado em SANTOS, 2017

No trabalho com o coro “Vozes angelicais”, em relação à respiração, pode se observar a dificuldade de se sustentar notas longas, tanto no que diz respeito à duração temporal quanto à manutenção da afinação. Em alguns indivíduos, a falta de volume ou potência vocal devido à respiração equivocada foi um outro fator percebido.

Coelho (1994) afirma que o grande problema dos cantores a respeito da respiração, não está na falta de ar, mas na utilização errada da expiração. Ao contrário, o domínio e o uso consciente do ar na expiração são de grande importância à emissão vocal eficiente. Segundo Santos (2017):

“Controlando a respiração entregamos a energia necessária para a voz ser eficiente. Para cada tom, vamos fornecer uma quantidade de ar. O segredo não está na capacidade pulmonar e sim em SABER CONTROLAR, DOSAR E USAR a musculatura (o diafragma)” (SANTOS, 2017, p. 28).

Visando desenvolver o controle da respiração e o bom uso e controle do ar na expiração, este pesquisador passou a aplicar dois exercícios básicos no momento de preparação e aquecimento corporal-vocal nos ensaios do coro.

Os coralistas ficam de pé e, inicialmente, são convidados a sentirem e perceberem, cada qual, sua própria respiração mantendo-se o mais calmo e tranquilo possível.

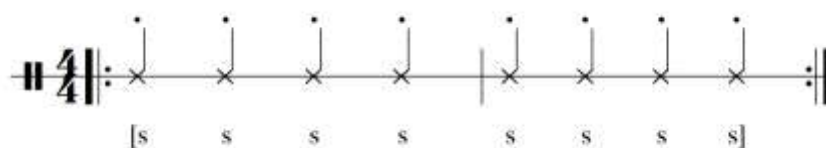
Exercício de respiração 01: iniciando um trabalho de controle respiratório, cada indivíduo inicia uma inspiração consciente pelo nariz, de forma silenciosa e sem forçar a inspiração, como se estivesse apreciando o perfume de uma rosa, expandindo as laterais do abdômen e as costelas inferiores; o ar inspirado deve ser retido por 5 segundos; em

seguida, procede-se à expiração controlada e constante do ar, emitindo-se o som da consoante fricativa surda [s], lentamente, até que os pulmões estejam completamente esvaziados. O exercício deve ser repetido três vezes.

É importante observar que não haja movimento (tensão) dos ombros para cima no momento da inspiração.

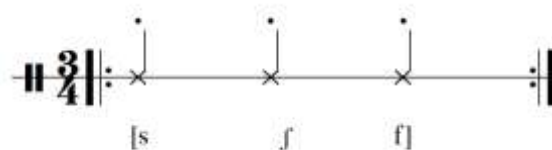
Exercício de respiração 02: o procedimento de inspiração é o mesmo do Exercício 01 – finalizando com a retenção do ar inspirado por 5 segundos. No momento da expiração, o ar deve ser liberado interrompidamente, em pequenas porções e com a emissão repetida da consoante fricativa surda [s] de forma curta e articulada, até que o pulmão esteja esvaziado (Figura 3.4). É preciso manter as costelas e paredes laterais do abdômen no mesmo posicionamento da inspiração. Esse exercício também deve ser repetido três vezes.

Figura 3.4: Exercício expiratório com som consoante [s]



Exercício de respiração 03: esse exercício se utiliza de três consoantes fricativas surdas [s], [ʃ] e [f], conforme alfabeto fonético internacional, mencionadas por Hauck-Silva (2012). Ao iniciar, deve-se proceder à inspiração de forma curta e depois à expiração de forma articulada e curta com a emissão das consoantes fricativas [s], [ʃ] e [f] em várias vezes, não havendo movimentação em excesso no abdômen. O exercício deve ser repetido lentamente, de três a quatro vezes. Em seguida, o mesmo exercício deve ser repetido, mas com a emissão das consoantes fricativas num andamento mais rápido. (HAUCK-SILVA, 2012).

Figura 3.5: Exercício expiratório com som fricativas surdas



A respiração é a base para a boa emissão vocal – tanto no que diz respeito à entonação e o volume quanto à manutenção de notas mais longas que precisam ser sustentadas. O apoio diafragmático e o controle do ar na expiração formam a base para o trabalho de respiração que o cantor deve pôr em prática para obter uma boa afinação no canto.

Os vocalizes

Coelho (1994, p.67) diz que “vocalizar é exercitar e desenvolver possibilidades técnicas da habilidade vocal”. Nessa oportunidade, os integrantes praticarão exercícios de aquecimentos vocais em que trabalharão a ressonância – a faringe, a cavidade oral e as cavidades nasais – e a articulação, por meio dos sons de vogais: nos lábios, mandíbula, língua e laringe (HAUCK-SILVA, 2012; PEDROSO JUNIOR, 2018).

Serão elencados então os vocalizes utilizados durante a presente pesquisa.

Vocalize 01: é feito em *boca chiusa*, que significa “boca fechada”, com o espaço interno onde as arcadas dentárias inferior e superior ficam separadas e sem contrair o maxilar (HAUCK-SILVA, 2012). Canta-se então as notas consecutivas do intervalo de quinta da escala maior (figura 3.6). Em cada repetição, se muda a tonalidade em meio tom acima. Na prática com o coro “Vozes Angelicais”, o regente inicialmente tocas o exercício ao piano/teclado, executa uma vez como demonstração e então solicita que todos o façam. A tessitura dos coralistas deve ser respeitada de modo que não force a voz de nenhum deles nem para o grave, nem para o agudo (HAUCK-SILVA, 2012; PEDROSO JUNIOR, 2018).

Figura 3.6: Exercício no âmbito do intervalo de quinta da escala maior



Vocalize 02: esse próximo vocalize visa trabalhar o molde da boca e a entoação das vogais. Utilizam-se três vogais nessa ordem: a vogal [i] com os lábios entreabertos e arredondados; a vogal [o] com os lábios na mesma posição, mas com a mandíbula levemente abaixada; e a vogal [ɑ] que requer uma abertura ainda maior da boca e, portanto, a mandíbula ainda mais abaixada. Nos três casos, a língua deve estar relaxada e

abaixada com a ponta tocando a parte de trás dos dentes da arcada inferior (PEDROSO JUNIOR, 2018).

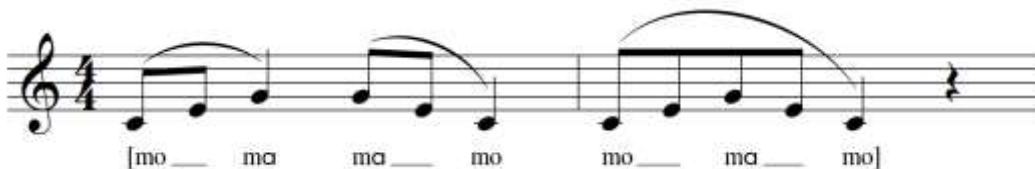
Cada vogal deve ser entoada com as mesmas notas consecutivas do intervalo de quinta da escala maior do vocalize anterior, o que resultará em três repetições ininterruptas, cada qual com uma das vogais conforme a ordem estabelecida (figura 3.7). Essas três repetições devem ser entoadas em uma única expiração. Assim como no vocalize anterior, o exercício deve ser repetido meio tom acima, consecutivamente, até onde seja confortável para o grupo.

Figura 3.7: Exercício de moldes e unificação das vogais



Vocalize 03: o exercício a seguir visa trabalhar saltos de intervalos de terças maiores, formando tríades, que devem ser entoadas tanto ascendente quanto descendente, alternando-se as sílabas [mo] e [ma] (figura 3.8). Segundo a orientação de Pedroso Junior (2018, p. 60) “O formato da boca no primeiro e no último som [mo] induz o coralista a manter os lábios arredondados quando ele for cantar o [ma]. A mandíbula deve estar livre e flexível sempre”. Assim como nos vocalizes anteriores, o exercício deve ser repetido meio tom acima, consecutivamente, até uma altura adequada ao coro.

Figura 3.8: Exercício – vocalizes com saltos de intervalos de terças maiores



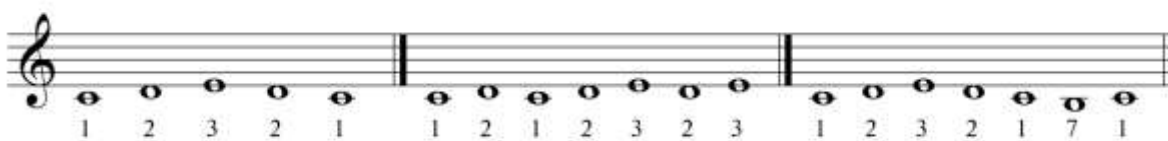
O exercício seguinte, embora seja melódico, não se trata de um vocalize, mas sim de um exercício que objetiva o desenvolvimento perceptivo das alturas (notas) dentro de um processo inicial de musicalização para todos os coralistas. Sobreira (2002) indica em seu texto que ela trabalhava a percepção das alturas, através desse exercício, especialmente com indivíduos tidos como desafinados.

Desse modo, adotou-se, sem demora, tal exercício nos trabalhos com o coro uma vez que ele seria útil para todos – afinados desafinados.

Aproveitando o ensejo, no momento de aplicação desse exercício, o regente aborda noções bem iniciais de teoria musical – pauta, clave e o nome das notas que serão utilizadas. Com notas consecutivas do intervalo de terça, o regente vai tocando e cantando os exemplos melódicos atribuindo a cada nota um número. Os coralistas, ao repetirem os exemplos cantados/tocados pelo regente, deverão relacionar às alturas os seus respectivos números e assim irem, pouco a pouco, identificando e se familiarizando com os diferentes graus da escala até então apresentados.

Inicialmente foram utilizados os intervalos de segunda, criando-se trechos melódicos como: 1-2-3-2-1, 1-2-1-2-3-2-3, 1-2-3-2-1-7-1, como mostra o exemplo abaixo.

Figura 3.9: Exercício – desenvolvimento perceptivo



Para auxiliar a compreensão da atividade, Sobreira (2002) orienta que o regente utilize uma das mãos para fazer o que ela chama de “contorno da melodia”, onde a “nota 1” será indicada com a palma da mão voltada para baixo na altura do tórax. “A nota 2”, por sua vez, será indicada, como que subindo um degrau de uma escada, à altura do pescoço com a palma virada para o corpo do regente. A “nota3”, mais um degrau acima, será representada como a palma da mão voltada para baixo na altura da cabeça, e assim por diante. O exercício deve ser feito em diferentes tonalidades, de preferência naquela(s) do repertório que está sendo ensaiado.

Essa atividade tem uma aproximação com o sistema pedagógico de Zoltán Kodály denominado *manossolfa*, onde os gestos manuais sequências indicam cada altura musical correspondente (MATEIRO; ILARI, 2012). Cada nota musical é associada a uma posição e altura da mão, são gestos diferentes e independentes para cada uma das notas, diferente do exercício proposto acima por Sobreira.

Como já dito anteriormente, esse exercício é feito, inicialmente, com intervalos de segunda, depois de terça e assim por diante, de modo que os coralistas possam,

gradativamente, desenvolver a percepção das alturas e dos intervalos. Esse exercício foi (e continua sendo) de grande efeito no desenvolvimento perceptivo musical dos integrantes do “Vozes Angelicais”.

Os vocalizes e o exercício de percepção encerram o momento de preparação e aquecimento corporal e vocal dos ensaios. Percebeu-se, no período dessa pesquisa, resultados satisfatórios no desenvolvimento musical e vocal dos coristas, bem como no grau de afinação – individual e coletivo – independente se o motivo de desafinação fosse devido ao envelhecimento do aparelho fonador, à incapacidade de auto escuta, isso é, à dificuldade de percepção das notas musicais (frequências) em registros graves ou agudos e, por conseguinte, a impossibilidade de repetir essas notas cantando.

CONCLUSÃO

Através desta pesquisa percebeu-se a grande importância em se abordar o tema “desafinação vocal” tendo em vista o trabalho desenvolvido com o coro “Vozes Angelicais”.

A revisão bibliográfica realizada demonstrou a importância das ações pré-musicais, necessárias ao trabalho com o coro na sua rotina de ensaios, em prol do desenvolvimento e da melhora da afinação individual e coletiva: o momento do preparo e aquecimento corporal e vocal com os exercícios de alongamento, o trabalho de controle da respiração e os vocalizes.

É possível concluir, portanto, que toda a pesquisa e a aplicação prática dos conhecimentos teóricos adquiridos – o desenvolvimento da boa postura corporal para o canto, bem como as questões de técnica vocal – têm contribuído de modo gradativo e eficaz no trabalho de aperfeiçoamento da afinação do coro “Vozes Angelicais”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAÊ, Tutti. **Canto:** uma consciência melódica, os intervalos através dos vocalizes. São Paulo: Irmãos Vitale, 2003.

CASSOL, Mauriceia. **Benefícios do canto coral para indivíduos idosos.** Tese (Doutor em Clínica Médica e Ciências da Saúde) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

CASTIGLIONI, Paula Passanante. **Qualificação artística de coros amadores.** Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.

COELHO, Helena de Souza Nunes Wöhl. **Técnica vocal para coros.** 10. ed. São Leopoldo (RS): Sinodal, 1994.

FIGUEIREDO, Jésus Ferreira. **Afinação coral à capela:** uma abordagem acústica musical. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

FUCCI AMATO, Rita. O canto coral como prática sócio-cultural e educativo-musical. In: **Opus**, Goiânia, v. 13, n. 1, p. 75-96, jun. 2007.

HAUCK-SILVA, Caiti. **Preparação vocal em coros comunitários:** estratégias pedagógicas para construção vocal no *Comunicantus*: Laboratório Coral do Departamento de Música da ECA-USP. Dissertação (Mestre em Artes) – Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

MATEIRO, Teresa; ILARI, Beatriz (Orgs). **Pedagogias em Educação Musical.** Curitiba: Intersaberes, 2012.

OITICICA, Vanda. **O be-a-bá da técnica vocal.** Brasília: Musmed, 1992.

PEDROSO JUNIOR, Daniel Alves Duarte. **Preparo vocal para coros de terceira idade:** pressupostos e relato de experiência no coral Universidade. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.

PEREIRA, Éliton; VASCONCELOS, Miriã. O processo de socialização no canto coral: um estudo sobre as dimensões pessoal, interpessoal e comunitária. In: **Revista Música Hódie**, v. 7, n. 1, p. 99-120, 2007.

SANTOS, Cintia de los. (Org.). **A arte da técnica vocal:** caderno 1. Porto Alegre: Editora Universitária da PUCRS, 2017.

SILVA, Ana Maris Goulart. **O sujeito cantante:** reflexões sobre o canto coral. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

SILVA, José Paulo. **Manual de harmonia**. 6. ed. Rio de Janeiro, 1962.

SOBREIRA, Silvia Garcia. **Desafinação vocal em adultos**: um estudo sobre suas causas e procedimentos para resolvê-la. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

SOBREIRA, Silvia. Desafinação vocal: compreendendo o fenômeno. In: **Revista da ABEM**, Londrina, v. 24, n. 36, p. 130-146, jan./jun. 2016.

ZANDER, Oscar. **Regência coral**. 5. ed. Porto Alegre: Movimento, 2003.